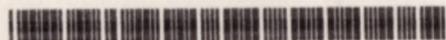


SFT 8.2.3.22

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030633

Noivos saltam para casar

Da Sucursal de Campinas

O noivo e a madrinha saltaram de pára-quedas, depois do "coroinha", mas uma repentina corrente de ar fez que os dois caissem do outro lado da via Anhanguera, bem no meio de uma plantação de abóboras; a noiva e o padrinho tiveram melhor sorte, descendo perto do aeroporto, embora em cima de um canal; e o capelão não pôde saltar por causa da violenta chuva. Foi assim o acidentado e inédito casamento aéreo de dois pára-quedistas de Campinas no aeroporto de Americana.

Os noivos já haviam casado no civil, na última quarta-feira. Ele é Renato Ernesto Simeauer, assistente da diretoria da empresa Robert Bosch do Brasil. Ela, Leonor Rossano Bravalhere — chamada "Loly" por suas colegas — secretária, na Singer, outra indústria de Campinas.

A notícia de que haveria um casamento aéreo, o segundo que se faria no mundo, trouxe, desde o meio-dia, verdadeira multidão ao aeroporto municipal de Americana. O aeródromo fica às margens do ramal rodoviário para Santa Barbara, a 1 km da Via Anhanguera. O casamento dos pára-quedistas, que pertencem a um clube desse esporte, em Campinas, conseguiu, mesmo, empolgar as cidades de toda a região.

Quem foi ver tinha de ler um apelo: à porta do hangar do Aeroclube de Americana, um cartaz pedia contribuições para o Centro de Recuperação Infantil, mantido pelo Rotary Club, como "presente de casamento".

LOLY, A VICE-CAMPEA

Renato antes explica como será o salto seu e o dela. Usarão pára-quedas checos, automáticos; eles abrem de qualquer maneira, a 500 metros do solo. Mesmo que a pessoa esteja sem sentidos, é seguro. O noivo não vê problemas. Renato conta que já tem 80 saltos.

Loly tem só 50. Mas, ainda assim, é vice-campeã brasileira de pára-quedismo. Há um ano e meio eles saltam juntos. Conheceram-se há dois anos. Ele é presidente do Clube dos Canibais. Era presidente do Clube de Pára-quedismo de Campinas.

"Eu gosto dele — "E eu dela" — desde o 10.º salto que demos juntos" — dizem ambos.

O aeroporto anima-se. Há pára-

quedistas de toda a parte. Os pára-quedas chegam, há gritaria, muitos contam. As cordas isolam o campo de pouso, a multidão inquieta-se. Há um alvo mosca na grama, ao lado da pista. Na Via Anhanguera, no trevo para Santa Barbara, a Polícia Rodoviária tem dificuldades para controlar o trânsito. Continua sempre a chegar mais gente. Há dezenas de reporteres e cinegrafistas.

Sob a chuva

Casamento houve. Mas foi no hangar, ao abrigo da chuva, ao lado de um avião. Com o povo se comprimindo para ver a noiva e o noivo e sob uma atmosfera de alegria que nem o vento e chuva conseguiram extinguir.

Às 14 horas, quando a tarde, apesar do tempo nublado, estava sem vento notável e firme, os preparativos finais para a cerimônia começaram. O capelão vestiu um macacão verde. O coroinha, um branco. O noivo, um preto. E a noiva vestiu-se de azul.

Quem não salta, nem piloto, nem tem função específica é afastado da área. Vai começar. Há 5 aviões — Piper e Cessna — na pista. O primeiro deles sobe e solta a sonda, para determinar a direção do vento.

Logo o primeiro salto. É o coroinha. Foi o melhor salto da tarde. Desce a poucos metros da mosca. A multidão aplaude.

O avião continua voitando e subindo. Tem de ir a 1.200 metros. Muitos olham com binóculos. Entre a decolagem de um avião e outro, até a posição de salto, há uma demora de uns 15 a 20 minutos.

O PADRE, O ALTAR

O padre celebrante é Vitor Dardos, de 50 anos. Ele conta que, há uns dois aros, já havia dado 210 saltos; depois, não contou mais. É do Rio, não conhece muito bem os noivos, mas achou excelente a idéia do casamento no ar e aceitou o convite que lhe fizeram, no Rio. "O Direito Canônico não proíbe" — declara. Há um altar armado, com toda a pompa, ao lado do hangar, perto da pista. Um estrado de madeira, dois genuflexórios, forrados de feltro azul, dois vasos com palmas brancas, duas velas, um crucifixo. Está a uns 500 metros do alvo mosca. O padre é capelão da Brigada Aérea Militar, do Rio de Janeiro.

A MÃE

"É melhor deixar ele saltar". Ela tem flores nas mãos, um ramalhete que alguém deu de presente à noiva. Alemã típica, extremamente simpática. É d. Gerda, mãe de Renato, o noivo. Trinta anos de Brasil. Está alegre. "Não tenho medo, não, quando ele salta. É bom deixar ele saltar. Deixe ele pular sempre. Não quero que ele pare. Ele se sentiria um covarde."

Outro avião. Agora é. O noivo e a madrinha — Marilene Michael — saltam. Mas o vento bate forte. E eles se desviam bastante. Vão cair exatamente sobre uma plantação de abóboras, a quilometro e meio do alvo, do outro lado da Via Anhanguera. O alto-falante da Kombi anuncia sua chegada. Noivo e madrinha voltam felizes, rindo. O noivo traz uma abóbora de considerável tamanho. Ele a dá à sua mãe. Ela, com seu sotaque germanico, comenta, sorrindo: "Nesse casamento, em vez de arroz, vamos jogar abóboras nos noivos".

Agora quem salta é a noiva. E o padrinho. Vão longe, mas não muito. Caem num canal próximo. Voltam ilesos. E, quando o casamento ia começar, a chuva começou antes. Forte. A multidão procura abrigar-se. O capelão, coroinha e amigos desmontam às pressas o altar e correm, como todos, para debaixo do hangar. Ali, entre os aviões e a multidão comprimida, sob o barulho da chuva, Deus abençoa, pelo capelão que não chegou a saltar, o casamento dos noivos pára-quedistas. Alguém pergunta: "Depois de casados vocês vão continuar a saltar?"

No horizonte, começam a surgir alguns cumulos. Já está ventando forte.

Pára-quedistas amigos do noivo e da noiva, de outros saltos e campeonatos, fazem uma algazarra considerável. Cantam. O mais animado tem a perna engessada, é carregado pelos colegas. Teve uma queda na semana anterior, não pode saltar em homenagem aos noivos. É Marden Milton Pezete, pára-quedista de Piracicaba, que, por não poder saltar, é o que mais canta e grita.

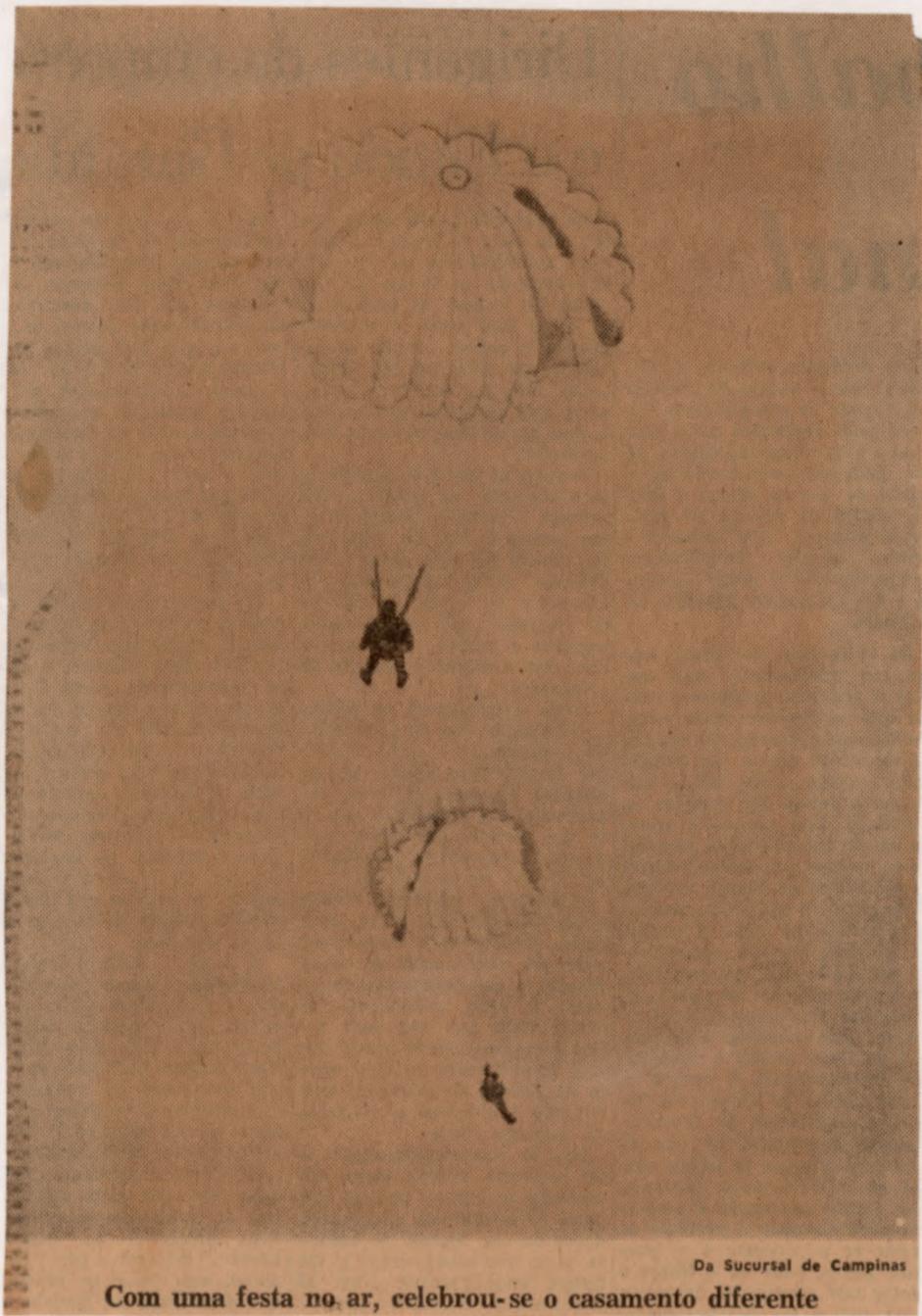
Todos querem assinar o nome no gesso da perna do moço.

POSIÇÃO DE SALTO

O avião chega à posição de salto. O carro de bombeiros e a ambulância de Americana, ambos na pista, voltam ao regime de alerta total.

Os dois pára-quedistas saltam. Bem no alvo. Novos aplausos. Mas não é nem a noiva, nem o noivo. É mais um salto de homenagem. São o capitão Juéno e o tenente Descartes, do Clube de Oficiais Pára-quedistas, no Rio de Janeiro.

DEPARTAMENTO LEGISLAÇÃO DO ITP



Da Sucursal de Campinas

Com uma festa no ar, celebrou-se o casamento diferente